

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PAULO ROBERTO DA SILVA

A TRAJETÓRIA FORMATIVA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO DE PAULO ROBERTO
DA SILVA

MATINHOS

2019

PAULO ROBERTO DA SILVA

A TRAJETÓRIA FORMATIVA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO DE PAULO ROBERTO
DA SILVA

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do módulo de Trabalho de Conclusão do curso- TCC no Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora Maria Isabel Farias

MATINHOS

2019

A trajetória formativa na Educação do Campo de Paulo Roberto da Silva

Paulo Roberto da Silva

RESUMO

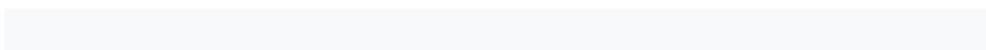
O trabalho trata-se do registro da trajetória pessoal de um estudante, filho de agricultor que mora no campo, que foi aprovado no vestibular na UFPR – Litoral, para cursar a Licenciatura em Educação do Campo- Ciências da Natureza. Durante o seu processo formativo passou por muitos desafios, o que fez com que optasse pelo registro da própria trajetória. Por entender que seu exemplo pode auxiliar outras pessoas a enfrentarem os desafios e dificuldades para finalizar uma graduação.

Palavras-chave: 1. Processo Formativo 2. Educação do Campo 3. Licenciatura

RESUMEN

El trabajo del registro de la trayectoria personal de un estudiante, hijo de un campesino que vive en el campo, que fue aprobado en el examen de ingreso en la UFPR- Litoral, para cursar la Licenciatura en Educación del Campo – Ciencias de la Naturaleza. Durante su proceso de formación pasó por muchos desafíos, lo que hizo que optara por grabar su propia trayectoria. Por entender que tu ejemplo puede ayudar a otras personas a afrontar los retos y dificultades para terminar una carrera.

Palabras clave: 1. Processo Formativo 2. Educación del Campo 3. Licenciatura.



1 INTRODUÇÃO

Este trabalho objetivou registrar o processo formativo de um estudante que acessou o vestibular para a Educação do Campo na UFPR – Setor Litoral em 2015, organizado por alternância para a formação da graduação em Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza. Esta trajetória foi marcada por questões que alteraram a vida dele, onde uma dificuldade física foi um grande desafio ao retornar a Universidade e experimentar um curso por alternância nos finais de semana.

O texto trata da história de vida que perpassa pelo processo formativo. O texto está organizado da seguinte forma: a) apresentação da história de vida, com os relatos da vida camponesa, a escola, o ingresso na Universidade, a paixão pela música e seu papel no cotidiano, pois foi através dela que superava meu problema de visão, b) falo sobre o curso de Educação do Campo, que apresenta uma dinâmica pedagógica em alternância e itinerância, um curso presencial que agregou estudantes de seis municípios do litoral, os que vinham por terra e os que vinham por água.

2 REVISÃO DE LITERATURA

O acesso à educação no Brasil nunca foi igualitário, aqueles que residiam no campo, tinham pouco ou nenhum acesso, atualmente com a Educação do Campo essa realidade tem se alterado. Desta forma, o relato individual mostra as dificuldades enfrentadas, perpassa pelas histórias coletivas, porque não tem como extrair o que é particular sem considerar a totalidade.

Segundo Pereira (2000) “história de vida, por sua vez, é o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, com a intermediação de um pesquisador. É um trabalho coletivo de um narrador-sujeito e de um intérprete.” Ao querer registrar as memórias vivenciadas, neste caso, diferente da citação, não é um registro de um pesquisador, mas o próprio autor relatando sua história.

2.1 MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA

Meu nome é Paulo Roberto da Silva, nascido no dia 29 de abril de 1983, natural de Morretes-Pr. Venho de uma família de agricultores humildes, mas

dedicados ao trabalho, sempre lutaram para ter o pão de cada dia. Meu pai, além de agricultor também era violeiro e é dele que nasceu meu interesse pela música. Minha mãe sempre foi muito dedicada nos afazeres da casa e acompanhava meu pai na roça. Plantávamos e tínhamos uma fábrica de farinha, que hoje conhecemos como farinheira, onde beneficiávamos a mandioca plantada para transformá-la em farinha. Parte dessa farinha era vendida nas bancas na BR 277 e as vezes trocávamos por outras mercadorias como por exemplo feijão e arroz, costume da região que cultivava uma prática camponesa e a outra parte da farinha e da mandioca produzida era destinada para o consumo da família.

Logo que nasci, meus pais perceberam que tinha uma deficiência visual, perdendo uma parte da minha visão quando tinha apenas 05 meses de idade. Meus pais foram descobrir a deficiência devido a um acidente com uma bexiga, pois o nó da bexiga estourou no meu olho esquerdo. Meus pais me levaram ao médico oftalmologista e descobriram que eu nasci com uma doença chamada ¹Glaucoma Congênito, que é uma doença que leva a cegueira quando não cuidada, devido ao aumento da pressão intraocular, acabei perdendo a visão do olho esquerdo. No olho direito, uso óculos para a correção da visão, entretanto, passei por cinco cirurgias, sendo uma delas para o implante de uma válvula, onde sua função é fazer a drenagem para o controle da pressão ocular.

Isso não me impediu de viver uma infância bonita, pois, nossas brincadeiras eram saudáveis, naquela época não tinha internet, então, brincávamos de bola-de-gude, balança, pega-pega, e a música fazia parte de nossas vidas nos finais de tarde e finais de semana, junto com meu pai. Lembro-me do meu pai tocando viola ou violão e eu ficava observando, algum tempo depois comecei a me interessar pela música e pelos instrumentos que meu pai tocava. Uma questão importante era que meu pai também confeccionava artesanalmente violões.

Em 1989 entrei para a escola com seis anos na Escola Rural Municipal do Canhembora, localizada na localidade do Rio Sagrado. Era uma escola com apenas duas salas, dois banheiros, uma cozinha e naquela época já existia transporte escolar, era uma escola multisseriada.

As classes multisseriadas buscam agregar todos os alunos matriculados na unidade escolar independente dos níveis de aprendizagem em uma mesma sala, que por sua vez tem como responsável (na maioria das vezes) um

¹ Anomalia Ocular caracterizada pelo aumento da pressão intraocular.

único professor, o qual fica responsável por sua estruturação em série/ano/ciclo. (MEDRADO, p. 140, 2012).

Estudei cinco anos nesta “escola rural”², pouco espaço, mas rica em conhecimento. Para aprender tabuada a professora cantava para fixar na mente, para aprender preposições e verbos também. Minha professora dizia que tudo tinha que ser agradável aos ouvidos. Esse fato também me instigou ao interesse pela música.

Em 1995, cursando o fundamental II, fui para a Escola Rural Municipal Desauda Bosco da Costa Pinto no município de Morretes, onde estudei mais quatro anos, sempre tive muita dificuldade em aprender alguns conteúdos, mas com a música era diferente quando me interessa por alguma, tirava para cantar no violão e não descansava enquanto não tivesse aprendido. Eu nunca frequentei curso para aprender violão, somente ouvindo e treinando. Em 1999 fui estudar na cidade de Morretes, pois ali na Escola Desauda não oferecia o Ensino Médio, somente em 2009 passou a ser ofertado. Assim, frequentei o Ensino Médio no Colégio Estadual Rocha Pombo - Morretes-Pr.

Sempre tive e tenho muita dificuldade de sociabilidade para algumas coisas, como: trabalho, escola, faculdade, igreja, pois sou muito introspectivo, talvez por causa das minhas limitações, mas quando coloco a música para expor meus sentimentos e pensamentos, viajo nas notas musicais e sinto chegar perto de cada coração que está a me escutar.

Em relação ao trabalho, no ano de 2010, fui para o meu emprego registrado na Ecovia, onde trabalhava de segunda a sexta e nos finais de semana ia para a roda de viola com os amigos. Em 2011, tive uma úlcera no olho esquerdo devido ao meu primeiro emprego na Ecovia, onde trabalhava com massa de asfalto.

Tinha uma dupla conhecida como André Marques e Gustavo, nós nos apresentávamos em aniversário, em eventos na APAE, rádios etc. Minha paixão pela música vem desde 1993, quando tinha dez anos, aprendi tocar violão sozinho e tirava as músicas só de ouvido.

No ano de 2000, fui convidado para tocar violão na igreja pela primeira vez, na Capela São Manoel. Depois que eu toquei, não quis mais parar. Parece que

² Assim era denominadas as escolas localizadas no campo antes do Movimento Por Uma Educação do Campo no Brasil

quando toco na igreja, estou agradecendo a Deus pelo milagre da minha vida. Hoje tenho um grupo de canto e participo do grupo da Igreja Matriz Nossa Senhora do Porto e em outras cidades do litoral.

Atualmente, trabalho como funcionário da Escola Desauda, nos serviços gerais, isso já faz oito anos, iniciei em 2011. E dentro deste período inúmeras vezes, me convidaram para participar de apresentações das turmas em aulas que envolviam músicas e apresentações, e sempre pude observar como os alunos se desenvolvem melhor quando tem música envolvida.

Em 2015, tive o privilégio de ser contemplado passando no vestibular, onde comecei o curso de Licenciatura em Educação do Campo-Ciências da Natureza na Universidade Federal do Paraná- UFPR, curso este, que dá várias oportunidades, liberdade e autonomia. No curso temos apresentações com músicas, nas místicas, nos Encontros das Turmas, que acontecem uma vez por semestre porque as aulas aconteciam em diferentes territórios³, por isso é fundamental que as turmas se encontrem. Nestes momentos eu sempre consegui mostrar o que sentia, pois, a música é uma linguagem que entendo bem e esses encontros sempre foram marcados por momentos de místicas e culturais, ambos com música. E foi através desses momentos em que pude contribuir com meus conhecimentos da música que me fizeram compreender que ela é uma linguagem que integra as pessoas, além de me dar uma identidade, o Paulo da turma Guará!

Hoje, para mim, a música é tudo, quando estou triste a música me deixa alegre. A música⁴ transmite através da letra e da melodia, muito amor em tudo o que fazemos. Posso afirmar que muitos dos meus bloqueios são quebrados através da música!

O destaque da música que dei na minha história é para mostrar que no curso de Educação do Campo ela também foi elemento de integração, a arte tem um lugar importante. Além do destaque de como a Educação do Campo transformou a forma de ver o mundo.

³ Uma turma no Assentamento Contestado no município da Lapa; uma turma no município de Cerro Azul, Uma turma no Quilombo João Surá, no município de Adrianópolis e uma turma no Campus Litoral da UFPR.

⁴ Ainda pretendo ter o meu próprio dinheiro com a música, gravar CDs, sonho poder ensinar música, como também instrutor, passando meu conhecimento adiante.

2.2 O CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO E O PROCESSO FORMATIVO

Meu ingresso na Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza foi mais pela oportunidade de cursar uma graduação que a alternância me proporcionaria, não que eu soubesse o que era, mas que seria possível. E foi em um vestibular especial, onde a inscrição foi por categorias que consegui entrar. A turma da qual fiz parte iniciou as atividades em 2015 com formação por área de conhecimento: Ciências da Natureza, isso faz muita diferença porque na área de conhecimento as disciplinas trabalham interligadas, uma depende da outra, diferente da escola tradicional que trabalha por disciplina. O desafio é grande, tanto por parte dos professores quanto para os estudantes, que vem da forma disciplinar de ensino.

Na Educação do Campo da UFPR temos professores de três áreas de formação: Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Ciências Agrárias que se integram na formação dos licenciados.

A Educação do Campo tem um histórico de 20 anos, seu marco histórico foi a “I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho 1998” (Caldar, 2012, p.260). Pensar a Educação do Campo é também compreender que,

“o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; e do campo o povo tem direito a uma educação pensando desde o seu lugar é com sua participação vinculada à sua cultura e as suas necessidades humanas e sociais” (Kolling, Cerioli e Caldart 2002, p.261)

O conceito vem sendo construído nesses anos e uma das conquistas da Educação do Campo são as Licenciaturas em Educação do Campo, que acontecem em mais de quarenta Universidades Federais espalhadas pelo país, sendo uma delas a LECAMPO na UFPR- Litoral, esses cursos têm por objetivo de fazer formação de professores/as para as escolas do campo, águas e florestas.

Esses cursos, fruto da luta por políticas públicas tem realizado formação de professores para as escolas do campo, para Molina,

Na história da EDUCAÇÃO DO CAMPO, o debate e a compreensão sobre o tema das políticas públicas tornam-se relevante porque, desde o seu surgimento, a Educação do Campo se configura como demanda relativa à garantia do direito à educação para os trabalhadores rurais... (MOLINA, 2012, p.585).

Essa política para formação de professores(as), em especial, tem se mostrado fundamental na consolidação da Educação do Campo. Os desafios são muitos, por isso, que a Lecampo – UFPR tem sido um marco na formação de professores/as nas regiões de abrangência: Litoral e Vale do Ribeira.

O curso na UFPR – Litoral tem conseguido formar um grupo de sujeitos que fazem parte do objetivo da Educação do Campo, desta forma, organizando turmas nos territórios e na Universidade, compreendendo que precisamos ocupar esses espaços. Precisamos formar professores porque queremos uma escola que forme sujeito críticos, conscientes da sua posição social para atuar nas escolas do campo, e não ao mercado, visando uma educação transformadora porque inclui sujeitos na perspectiva da emancipação.

Olhando para a experiência da UFPR, nos primeiros dias de aula, que teve uma grande expectativa, porque era um novo ciclo, conhecemos um pouco da realidade da turma ouvindo as histórias de vida de cada estudante, onde socializamos nossa história de acordo com nossa realidade pensando na comunidade, escola, onde estudaram, onde trabalharam, isso mudou muito a minha forma de pensar, e um dos meus desafios foi chegar até aqui, também percebi em suas histórias, as dificuldade desses estudantes de saírem de suas casas nos finais de semana com frio ou chuva para chegar a universidade. Meu principal desafio é o da escrita, principalmente em finalizar meu TCC e me formar. A escrita e a leitura são instrumentos primordiais, e quando precisei elaborar percebi o quanto ainda preciso avançar. O curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza, apresentou outra dinâmica de organização e de tempo, pois trabalhamos coletivamente em algumas tarefas e com isso consegui me inserir em alguns, outros nem tanto, por exemplo, o curso é organizado em dois tempos: Tempo Universidade (TU) e Tempo Comunidade (TC) encontramos as definições no Projeto do PPC,

Tempo Universidade corresponderá ao período em que o acadêmico permanecer na universidade em contato direto com o saber sistematizado planejando e recebendo orientação dos docentes. Neste período os acadêmicos desenvolvem as atividades comuns, prevista na formação de todos os acadêmicos independente da metodologia. O Tempo Comunidade corresponde ao período em que o acadêmico é motivado a partilhar seus conhecimentos e experiências de sua atividade profissional e /ou familiar, na comunidade ou nas estâncias a participação social ou em classe. No Tempo Comunidade o estudante desenvolverá pesquisas projetos experimentais, atividades grupais entre outras atividades com o auxílio do planejamento e acompanhamento pedagógico dos docentes (PPC, 2012, p.12).

Esta forma que a Educação do Campo organiza seus cursos tem permitido que camponeses e camponesas consigam frequentar e concluir os cursos. E são nos Tempos Comunidade onde acontece o desenvolvimento de trabalhos individuais

e coletivos. Os trabalhos do Tempo Comunidade individuais, apresentam um grau de dificuldade maior para mim.

Cada um desses tempos possui objetivo na formação, além de ser uma forma que possibilita que camponeses/as e trabalhadores/as possam estudar, tendo direito a uma educação que historicamente lhes foi negado, com isso, existe a preocupação constante para uma boa formação, ou seja, uma formação de qualidade que contemple conhecimento, uma percepção crítica e emancipação.

Na UFPR vivenciamos momentos que marcaram muito meu percurso, dentre eles, as histórias de vida, com elas, percebi que havia situações parecidas, as aulas de laboratórios, as saídas de campo, os encontros das turmas, as aulas, a Semana Acadêmica, o convívio como um todo, foram muitos momentos de diálogos e de crescimento, muitas situações que precisávamos resolver, pois, a auto-organização é um princípio da Educação do Campo.

Conseguimos perceber nas aulas a realidade de cada estudante, por mais difícil que fosse, conseguiram com muita persistência e força de vontade, para os que vinham das ilhas e de lugares onde não era possível retornar diariamente, por muito tempo a sala de aula da Universidade foi nossa casa, a maioria, chegava na sexta-feira à tarde e só retornava no domingo, no meu caso, conseguia retornar para dormir em casa, pois organizamos um grupo e dividíamos as despesas, o que possibilitou nosso deslocamento.

A Educação do Campo “um conceito em disputa, e decorrente de um movimento dialético”. (Martins, 2016, p. 19), tem seus princípios muito bem-marcados, e no decorrer do curso foi nos possibilitado vivenciá-los. Os princípios que a Turma Guará⁵ buscou exercer durante o tempo de formação (2015 – 2019), dentre eles podemos citar: alternância e itinerância, auto-organização e coletividade; vínculo com a realidade e mística. De todos os princípios estes foram os mais evidenciados na turma. A mística teve menos inserção no processo formativo, mas presente em momentos importantes.

⁵ Turma Guará – nome escolhido para representar a turma visando a realidade que vivemos por ser do litoral unindo campo e mar. Guará é um pássaro símbolo encontrado no litoral do Paraná. Por um grande período ele não foi mais visto dando uma ideia que havia desaparecido mais um tempo depois ele ressurgiu no litoral, por este motivo a turma escolheu como nome por entender que representa resistência.

A seguir apresento algumas características da Educação do Campo da UFPR, ainda em construção. Essas características foram ponto forte na turma, pois, auxiliaram na definição do coletivo e ajudaram a consolidar o curso.

Figura 1: Características da Educação do Campo na UFPR

Compromisso Social	Construção do Conhecimento
Política Pública	Garantia do direito de acesso da população do campo, águas e florestas
Construção da Coletividade	Vínculo com a realidade na formação

Fonte: Org. pelo autor.

A Licenciatura em Educação do Campo se constituiu em um espaço onde os estudantes se organizavam através de grupos de estudos, aulas presenciais por alternância e itinerância e palestras. Compreendi que a Educação do Campo é direito e que a defesa da escola pública de qualidade se mistura com a luta pela terra, já que ela nasce com os movimentos sociais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação do Campo tem um caráter agregador, e isso, fez toda diferença nos quatro anos de curso. Destaco quatro questões que marcaram a trajetória no curso: a) A concepção de Educação do Campo; b) o vestibular específico com os critérios para a inscrição; c) o formato da alternância e itinerância; d) o trabalho interdisciplinar da área do conhecimento.

A possibilidade de contar parte da minha trajetória foi muito importante. Durante os quatro anos de curso percebi que mesmo nas dificuldades existe um desafio maior que é a persistência na luta, e buscar os objetivos que nos propomos no início.

Esse curso trouxe uma oportunidade que outro curso não proporcionaria devido as minhas condições de vida, recomendo o curso, é muito bom, façam e terão um resultado para a vida.

E fica aqui como uma forma de agradecimento por tudo o que vivi, pelas amizades conquistadas, coletividades, pelos profissionais da área que se dedicaram

para me ensinar, pela paciência que tiveram nesses quatro anos, a minha eterna gratidão. Uma frase ficou marcada para mim ela resume tudo o que passei nesses quatro anos: “Fazer tudo nas condições que tenho, enquanto não tenho condições de fazer melhor ainda”. (Rubens Alves)

REFERÊNCIAS

KOLLING, E. J.; Cerioli, P. R.; Caldart, R. S. (org.). **Educação do campo: identidade e políticas públicas**. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação do Campo, 2002.

MARTINS, Fernando José. Elementos Fundamentais da Educação do Campo. In: GHEDINI, Cecília Maria *et al* (org.). **Educação do Campo no Estado do Paraná: um registro das lutas, conquistas e desafios (1998-2012)**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2016. Cap. 7. p. 9-185.

MEDRADO, Carlos Henrique de S. PRÁTICA PEDAGÓGICA EM CLASSES MULTISSERIADAS. **Entrelaçando**: Revista Eletrônica de Culturas e Educação, [s. /], v. 2, n. 7, p. 133-148, 2012. Quadrimestral. Disponível em: <https://www2.ufrb.edu.br/revistaentrelacando/>. Acesso em: 20 dez. 2009.

MOLINA, Monica Castagna. Políticas Públicas. In: CALDART, Roseli Saete *et al*. **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. Cap. 107. p. 13-787.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. **História Oral**, [s. /], n. 3, p. 117-127, 2000.

Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo. Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, 2012.